

O FRAGMENTO DE TÉLEFO E A FUGA EM ARQUÍLOCO

Thiago Koslowsky da Rosa (UFRGS)^a

Rafael Brunhara (UFRGS)^b

RESUMO

O novo fragmento de Arquíloco de Paros (*Papiro de Oxirrinco* LXIX 4708), que aborda o mito de Télefo, editado pela primeira vez por Dirk Obbink (2006), trouxe novos questionamentos para uma debatida tópica em Arquíloco: a fuga. Busca-se, neste artigo, fazer uma breve análise de como esse fragmento poderia influir na compreensão da fuga, tal como retratada pelo poeta, especialmente comparando-o com o fragmento 5 da edição crítica de Martin West (1992).

PALAVRAS-CHAVE: Arquíloco; Télefo; fuga.

Recebido em: 31/10/17

Aprovado em: 02/03/18

O poeta grego do período arcaico Arquíloco de Paros foi célebre na Antiguidade, reverenciado como um dos grandes poetas ao lado de nomes como Homero e Hesíodo.¹ Em oposição a Homero, contudo, já na Antiguidade, o seu nome passou a ser relacionado com uma postura anti-heroica, motivada em grande parte pelo tema da fuga, do qual o fr. 5 W² é um célebre exemplo.

^a Graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

^b Professor Adjunto em Língua e Literatura Grega pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor em Letras Clássicas pela USP.

¹ Ver, por exemplo, Heráclito, fr. 42 D-K; Platão, *Íon* 532a, 3-7.

² “Fr.” abrevia “fragmento”. “W” é abreviatura para “West” e referirá doravante a numera-

Em 2006, Dirk Obbink publicou a *editio princeps* do *P. Oxy* LXIX 4708, atribuído a Arquíloco e cujo tema central também é a fuga. Nesse fragmento, o tema é apresentado em uma *gnóme* que é em seguida ilustrada por uma passagem mitológica que trata do desembarque frustrado dos guerreiros gregos na Mísia, região então governada pelo herói Télefo, filho de Hércules:

.....
]...[
] [εἰ δὲ] . [. . . .] . [.] . . θεοῦ κρατερη[ς ὑπ' νάγκης
οὐ χρη] ἀν[α]λ[κείη]ν και κακότητα λέγει[ν·
π]ήμ[α]τ' εὖ [εἴμ]εθα δ[η]ία φυγεῖν· φεύγ[ειν δέ τις ὄρη·
καί ποτ[ε μ]οῦνος ἐὼν Τήλεφος Ἄρκα[σίδης] (5)
Ἄργεῖων ἐφόβησε πολὺν στρατ[όν,] οἱ δὲ φέβοντο
ἀλκιμ[οι,] ἢ τόσα δὴ μοῖρα θεῶν ἐφόβει,
αἰχμηταὶ περ ἐόντε[ς,] ἐϋρρείτης δὲ Κ[ά]ϊκος
π]ιπτόντων νεκύων στείνεται και [πεδῖον
Μύσιον, οἱ δ' ἐπὶ θῖνα πολυφλοισβο[ιο θαλάσσης] (10)
χέρσ'] ὑπ' ἀμειλίκτου φωτὸς ἐναίρο[μενοι
προ]τροπάδην ἀπέκλινον ἐϋκνήμ[ιδες Ἀχαιοί·
ἀ]σπασιοὶ δ' ἐς νέας ὠ[κ]υπόρ[ο]υς [ἐσέβαν
παῖδες τ' ἀθανάτων και ἀδελφείοί, [οὓς Ἀγαμέμνων
Ἴλιον εἰς ἱερὴν ἦγε μαχησομένο[υς·] (15)
οἱ δὲ τότε βλαφθέντες ὁδοῦ παρὰ θ[ῖν] ἀφίκοντο·
Τε]ύθραντος δ' ἐρατὴν πρὸς πόλιν [ἐ]ξ[έ]πεσον·
ἐ]νθα [μ]ένος πνεῖοντες ὁμως αὐτο[ί τε και ἵππο
ἀ]φρ[αδῖ]ηι μεγάλως θυμὸν ἀκηχέ[δατο·
φ]άντο γὰρ ὑψίπυλον Τρώων πόλιν εἰσ[άναβαίνειν] (20)
αἰ]ψα· μ[ά]την δ' ἐπάτεον Μυσίδα πυροφόρο[ν·
Ἡρακλ]έης δ' ἦντησ[ε] βοῶν ταλ[α]κάρδιον [υἱόν, ἢ
οὔ]ρον ἀμ[εῖ]λικ[τον] δηῖω ἐν [πολ]έμ[ωι
Τ]ήλεφον ὃς Δαναοῖσι κακὴν [τ]ό[τε φύ]ζαν ἐνόρσα

ção dos fragmentos em sua edição crítica *Iambi et Elegi Graeci Ante Alexandrum Cantati* (1992).

ἦ]ρειδε [πρό]μαχος, πατρὶ χαρίζομ[ενος (25)
...] [.] [.] . [.] . . . [.] . . [. . .] . . . [.] . θα . [.]

Se ... sob forte compulsão do deus
Não se deve falar em fraqueza ou covardia:
corretamente nos apressamos para fugir do sofrimento hostil.
Há uma hora para fugir.
Uma vez sozinho, até mesmo Tèlefo Arcáside (5)
afugentou o grande exército dos argivos, e eles se puseram em fuga,
os valentes, tanto o destino dos deuses os afugentava,
embora fossem lanceiros. O rio Caico de belo fluir
atulhou-se com os corpos que sucumbiam, e também a planície
mísia. Eles, que na margem do mar undísono (10)
pelas mãos do inexorável mortal foram mortos,
os aqueus de belas grevas, dispararam em retirada,
de bom grado embarcando nos navios singrantes,
filhos e irmãos de imortais que Agamêmnon
levava à sacra Ílion para lutar. (15)
Eles, então, desviados do caminho, chegaram à praia
e arremeteram contra a amável cidade de Teutras.
Ali, sorvendo furor, tanto eles quanto os corcéis,
por sua estultícia muito no espírito lamentaram;
Pois pensavam adentrar Troia de altos portões (20)
rapidamente; em vão pisavam na Mísia dadora de trigo.
Héacles vem de encontro a eles, clamando pelo filho de coração
indômito,
guardião inexorável na batalha hostil,
Tèlefo, que incitou os Dânaos à fuga má,
e lutava na frente, agraciando o pai. (25)³

³ Tradução: Thiago Koslowsky da Rosa. Essa tradução não tem pretensões poéticas; antes são

A *gnóme* dos três primeiros versos legíveis do novo fragmento de Arquíloco parece fazer uma apologia à fuga, destacando-a como uma saída necessária em circunstâncias nas quais o ato é impulsionado por ação divina (θεοῦ κρατερη[ς, v. 1), provavelmente o destino imposto pelos próprios deuses (μοῖρα θεῶν, v. 7), ocasiões que não poderiam ser rotuladas como atos de “fraqueza ou covardia” (ἀν[α]λ[κείη]ν και κακότητα, v. 2). Esse posicionamento do poeta parece semelhante ao encontrado em outros fragmentos de Arquíloco que já foram utilizados para ilustrar uma possível atitude anti-heroica ou até uma “descoberta do espírito” na poesia lírica grega, em uma teoria postulada por Bruno Snell (1960, p. 63-64).

Snell (1960) considerou que Arquíloco, assim como Safo e Anacreonte, eram os principais exemplos de um suposto desenvolvimento da percepção do indivíduo na literatura grega. A lírica seria, assim, um período intermediário entre a falta de percepção do indivíduo que ocorreria na poesia épica e a tomada de consciência que haveria na tragédia. A poesia lírica constituiria o período literário em que o Eu passaria a tomar consciência da distinção entre espírito e corpo, embora as emoções ainda tivessem uma motivação divina (SNELL, 1960, p. 86-87). O fr. 114 W, em que Arquíloco expressa sua admiração por um general que tenha pernas tortas, mas que seja valente em combate, seria um exemplo do distanciamento de valores externos e internos na lírica, um fato que, segundo Snell, não ocorreria na poesia épica. Do mesmo modo, o fr. 5W seria um exemplo de insolência para com os valores tradicionais, como os estabelecidos em Esparta (SNELL, 1960, p. 63-64).

Argumentaremos, em contrário, que a tópica da fuga em Arquíloco poderia ter um sentido mais ambivalente do que apenas uma oposição à moral militar de seu tempo ou à moral homérica.

Uma abordagem em relação à fuga que pode trazer uma diferente compreensão para o novo fragmento pode ser vista no fr. 38 W dos *Adespota Iambica*, atribuídos a Arquíloco (CORRÊA, 2009, p. 127-128). Nesse poema, o Eu consola um jovem envergonhado por ter abandonado seu escudo e fugido:

um aparato crítico a serviço dos comentários; sua função é servir de *notícia* do conteúdo semântico original e apoio didático ao leitor do texto grego. Quando necessário, os comentários explicitam os recursos formais empreendidos pelo poeta no texto grego para dar sentido aos seus versos.

..ε.[.]πρωτο[.]υπαντων[
..].νοσ· .(,)δ[...].οιμε....[
....] ἐπικροτέων[
..]εβαμβάλυζε· πολλ[ά
καὶ τὸ μὲν φυγεῖν ὅταν δη[(5)
ἀνδράσιν κείνοις χολωθεί[ς
δυσμεν<έω>ν κομηῆτα παιδ[
οὔ σε τοῦτ' ἥισχυεν οὐδεν[
ὡς ἀπ' εὐεργ<έα> τινάξας ἐτρ[άπτῃς
καὶ γὰρ ἀλκιμωτέρους ς<έο> κατα[(10)
ταῦτ' ἐπιβόλη[ς]ε· θε<εοῦ>ς γὰρ οὐκ ἐνίκ[ησεν βροτός·
ἀλλ' ὀτεύνεκεν πρὸ πάντων εκ[
ἤλθεσ ἐκπλ[...].σ ἐφ' ὕγρα κύματ[‘ εὐρέης ἀλός
ἀδρυφής, οὐ[...].νσε[.....].εκλει[
ἀλλαπαρθε[.....].δεμ.[(15)
[.]π[.]όλιν π[.....].ναγν[
....]ι πολ[.
....].οσ· π[

[t]u, faz[endo...sό] dentre todos (?) [

...

...].rangendo [os dentes

...].tremia, muit[a...

e o fugir, quando [preciso for, como naquela hora, (5)

quando o deus,] irad[o] com aqueles homens, [impeliu o
exército] inimigo, menino de longos cabelos[...

Isto não te desonrava, nem [é vergonhoso] que [o escudo]
bem feito, tendo abandonado, volt[aste...]

pois mesmo aos mais fortes que tu, [temores assim excessivos]
(10)

afligi[r]am. [Um mortal], pois, não der[rota] aos deuses,
mas por isso, na frente de todos, [tendo deixado o exército],
vieste nav[egando] sobre as úmidas ondas [do vasto mar]
ileso, [no entanto, por essas coisas,] não [te louvaremos

... (15)
pela] cidade...⁴

O poeta do fr. 38W, assim como no fragmento de Télefo, destaca a interferência divina nos acontecimentos da guerra, mesmo na fuga e na perda do escudo, quando o deus irado (χολωθει[ς, v. 6) impulsiona as forças hostis (δυσμενέων, v. 7). No oitavo verso, o poeta consola o jovem afirmando que a fuga não é algo a se envergonhar, pois até mesmo os mais fortes do que ele (ἀλκιμωτέρους, v. 10) já se puseram em fuga, concluindo sua posição com a máxima expressa no v. 11 de que um mortal não pode vencer os deuses (θεοὺς γὰρ οὐκ ἐνίκ[ησεν βροτός, v. 11). Essa máxima se assemelha ao exemplo exposto no *P. Oxy* LXIX 4708, no qual guerreiros mais fortes do que os contemporâneos do poeta (os próprios heróis épicos que lutaram em Troia) se veem obrigados a fugir quando o inimigo é impulsionado pelo destino (a μοῖρα) enviado pelos deuses.

Contudo, o poeta acrescenta no final do que nos restou do fragmento adéspota que o jovem não será louvado por fugir (v. 14), demonstrando que, apesar de ser parte da vontade dos deuses, não há nenhuma honra ou glória na fuga. A passagem demonstra que o Eu não está defendendo a fuga, mas apenas amenizando a frustração do jovem soldado, mostrando sua piedade em relação aos deuses até mesmo nos momentos mais adversos. Esse ponto de vista está de certa forma presente no fragmento de Télefo, embora um tanto mais sutil, quando a fuga imposta aos gregos é adjetivada como “má” (κακὴν, v. 24). O adjetivo empregado, κακὴν (“má”), demonstra que a fuga, mesmo quando divinamente determinada e realizada pelos maiores heróis da tradição grega, continua sendo negativa. Dessa forma, a comparação entre o fragmento de Télefo e o fragmento 38W sugere que Arquíloco não se contrapõe diretamente à moral heroica tipicamente transmitida pela poesia épica, mas parece seguir uma tradição semelhante.

Em certas passagens da *Iliada*, é possível perceber que a fuga imposta pelos deuses também é um ato tolerável na poesia épica, como quando Odisseu foge ao ver Héctor, inspirado por Zeus, aproximar-se, mesmo deixando

⁴ Tradução de CORRÊA (2009, p. 127-128).

Nestor em perigo e tendo sido exortado por Diomedes (Il. 8. 93-98):

διογενὲς Λαερτιάδῃ πολυμήχαν' Ὀδυσσεῦ
πῆ φεύγεις μετὰ νῶτα βαλὼν κακὸς ὧς ἐν ὀμίλῳ;
μή τίς τοι φεύγοντι μεταφρένω ἐν δόρυ πήξῃ; (95)
ἀλλὰ μὲν' ὄφρα γέροντος ἀπώσομεν ἄγριον ἄνδρα.
᾿Ως ἔφατ', οὐδ' ἐσάκουσε πολύτλας δῖος Ὀδυσσεύς,
ἀλλὰ παρήϊξεν κοίλας ἐπὶ νῆας Ἀχαιῶν.

“Filho de Laertes, criado por Zeus, Ulisses de mil ardis!
Para onde foges, virando costas como um covarde na turba?
Que não te atinja enquanto foges uma lança nas costas! (95)
Fica aqui agora, para afastarmos do ancião o homem selvagem.”
Assim falou. Mas não lhe deu ouvidos o sofredor e divino
Ulisses,
mas apressou-se para junto das côncavas naus dos Aqueus.⁵

Em seguida, Nestor convence Diomedes a recuar, atribuindo a glória de Héctor a Zeus e destacando a impossibilidade de alterar os seus desígnios (Il. 8.139-144):

Τυδεΐδῃ ἄγε δ' αὐτὲ φόβον δ' ἔχε μώνυχας ἵππους.
ἦ οὐ γινώσκεις ὃ τοι ἐκ Διὸς οὐχ ἔπετ' ἀλκή; (140)
νῦν μὲν γὰρ τούτῳ Κρονίδης Ζεὺς κῦδος ὀπάζει
σήμερον· ὕστερον αὐτὲ καὶ ἡμῖν, αἶ κ' ἐθέλῃσι,
δώσει· ἀνὴρ δέ κεν οὔ τι Διὸς νόον εἰρύσσαιτο
οὐδὲ μάλ' ἴφθιμος, ἐπεὶ ἦ πολὺ φέρτερός ἐστι.

“Tidida, vira em fuga os teus cavalos de casco não fendido.
Não percebes que a vitória de Zeus não segue no teu encalço?
(140)

⁵ Todas as traduções da *Ilíada* citadas neste artigo são de LOURENÇO (2013). A edição crítica utilizada é a de WEST (1998, 2000).

Hoje é àquele homem que Zeus Crônida outorga a glória;
no futuro outorga-la-á de novo a nós, se ele assim entender.
Nenhum homem poderia frustrar o pensamento de Zeus,
por mais forte que fosse, pois ele é ainda mais poderoso.”

Estando em minoria, Odiseu cogita novamente a fuga nos versos 404-410 do canto 11, embora reconheça que é um grande mal (μέγα [...] κακὸν, v. 404) e um ato de vis (κακοὶ, v. 408):

ὦ μοι ἐγὼ τί πάθω; μέγα μὲν κακὸν αἶ κε φέβωμαι
πληθὺν ταρβήσας· τὸ δὲ ρίγιον αἶ κεν ἀλώω (405)
μοῦνος· τοὺς δ’ ἄλλους Δαναοὺς ἐφόβησε Κρονίων.
ἀλλὰ τί ἦ μοι ταῦτα φίλος διελέξατο θυμός;
οἶδα γὰρ ὅττι κακοὶ μὲν ἀποίχονται πολέμοιο,
ὃς δὲ κ’ ἀριστεύησι μάχῃ ἐνὶ τὸν δὲ μάλα χρεῶ
ἐστάμεναι κρατερῶς, ἦ τ’ ἔβλητ’ ἦ τ’ ἔβαλ’ ἄλλον. (410)

“Ai, pobre de mim, que estarei para sofrer? Grande mal seria se fugisse com medo desta turba; mas pior seria se fosse (405) tomado só; pois o Crônida pôs em fuga os outros Dânaos. Mas por que razão o meu ânimo assim comigo dialoga? Sei que eles são vis e que fugiram da batalha; por outro lado, àquele que é excelente no combate, a esse compete ficar sem arredar pé, quer seja atingido, ou outros atinja.” (410)

Arquíloco, desse modo, em vez de manipular a moral tradicional, parece antes se pautar em uma tradição que, se não a mesma, é semelhante à poesia épica no que tange à questão da fuga.

Outros fragmentos de Arquíloco também retratam cenas aparentemente anti-heroicas que não são justificadas (ao menos no que nos restou dos fragmentos) com um argumento de subserviência à vontade divina. Notáveis exemplos são o fr. 2 W, em que o Eu está reclinado (κεκλιμένος), uma postura de relaxamento, sobre sua lança, bebendo vinho (CORRÊA, 2009, p. 95-102), e o fr. 4 W, em que bebe durante a vigília, uma situação na qual deveria

estar atento a possíveis ataques inimigos de modo a proteger seus companheiros (CORRÊA, 2009, p.103-112). O poeta parece, portanto, desdenhar de algumas de suas funções como soldado, mas, ainda assim, se descreve como um guerreiro-poeta (fr. 1 W):

εἰμὶ δ' ἐγὼ θεράπων μὲν Ἐνυαλίῳ ἄνακτος
καὶ Μουσᾶν ἐρατὸν δῶρον ἐπιστάμενος,

sou servo do senhor Eniálio e
das Musas o amável dom conheço.⁶

Esse fragmento, embora curto, permite perceber que o poeta se orgulha pela sua dupla função. Esse fato por si só não apresenta nenhum conflito, já que era bastante frequente e, inclusive, até requisitado que cidadãos nobres fossem versados em música e poesia, como Aquiles, o maior exemplo de excelência em combate na *Iliada*, que, ao retirar-se da guerra, passa a dedicar seu tempo a tocar lira (*Il.* 9. 194).

No entanto, a posição de Arquíloco como guerreiro parece ficar mais fragilizada no Fr. 5 W, possivelmente o mais comentado e emblemático de sua poesia. Nele, o Eu debocha da perda de seu próprio escudo e do inimigo bárbaro, um saio, o qual o poeta retrata vangloriando-se da conquista:

ἀσπίδι μὲν Σαῖων τις ἀγάλλεται, ἦν παρὰ θάμνῳ,
ἔντος ἀμώμητον, κάλλιπον οὐκ ἐθέλων·
αὐτὸν δ' ἐξεσάωσα. τί μοι μέλει ἀσπίς ἐκείνη;
ἔρρέτω· ἐξᾠτις κτήσομαι οὐ κακίῳ.

Com um escudo um saio ufana-se, o qual junto à moita,
arma irrepreensível, deixei sem querer,
mas salvei-me. Que me importa aquele escudo?
Que vá! Arranjo outro, não pior.⁷

⁶ Tradução de CORRÊA (2009, p. 81).

⁷ Tradução de CORRÊA (2009, p. 112).

Com o desenvolvimento da formação hoplita, era aparentemente muito comum que falanges sobrepujadas pelo inimigo se vissem forçadas a retroceder, tendo que abandonar o escudo (ῥίψασπία), visto que era uma das peças de armamento mais pesadas, tornando o combatente em fuga mais vulnerável. Na poesia arcaica, Alceu relata ter lançado seu próprio escudo, que foi pego pelos atenienses (Fr. 428a L-P¹⁰) e Anacreonte também descreve um escudo abandonado às margens de um rio (Fr. 381b PMG¹¹). A visão de Arquíloco, no entanto, sofreu ataques, como o de Crítias¹² que acreditava que o poeta de Paros dava mau testemunho de si.

Por outro lado, surgem também dúvidas se o fr. 5 estaria realmente vinculado a uma fuga em batalha. Anderson (2008, p. 259) chama a atenção para o uso do verbo “κάλλιπον” (v. 2, aoristo de καταλείπω, “deixar para trás”) em vez de expressões como ῥῖψαι ἀσπίδα¹³ ou ἀποβάλλαι ἀσπίδα¹⁴ que denotariam o ato de lançar deliberadamente o escudo. O fato de “deixar para trás” pode sugerir que o soldado não lança o escudo em uma tentativa desesperada de fugir do campo de batalha, mas que é surpreendido, talvez em desvantagem numérica ou em um momento de descanso, quando não estaria preparado para enfrentar o inimigo apropriadamente. O fato de não estar em uma situação de combate o eximiria de possíveis críticas à sua função guerreira, pois o ato de abandonar era particularmente negativo por permitir o rompimento da falange, o que poderia levar à morte vários companheiros. Soma-se ao fato de ter deixado o escudo para trás o poeta alegar que o teria feito contra a sua vontade (οὐκ ἐθέλων, v. 2).

Além disso, o verbo κτήσομαι (v. 4) poderia ser entendido não no sentido de adquirir um novo escudo por meio de compra, ou de arranjar outro aleatoriamente, mas no sentido de conquistar como espólio, quando as tropas do Eu revidassem a investida inimiga (ANDERSON, 2012, p. 21-22).

⁸ L-P refere a edição *Poetarum Lesbiorum Fragmenta*, dos editores Lobel e Page (1955).

⁹ PMG abrevia *Poetae Melici Graeci*, edição crítica de Page para os poetas mélicos gregos (1962).

¹⁰ Crítias, Fr. 44 *apud* Eliano [175-235], *Várias Histórias*, 10.13. A fonte, com o texto grego traduzido, encontra-se em CORRÊA (2009, p. 115).

¹¹ Anacreonte PMG 381 [b]; Lísias 10. 12.

¹² Anatócides. *Sobre os mistérios* 74.

A menção a ter deixado o escudo junto à moita (παρὰ θάμνωι, v. 1), no entanto, torna a passagem mais ambígua. Exemplos da poesia épica mostram a moita tanto em símiles que denotam a fuga, tal uma presa acoçada pelo predador junto a uma moita,¹³ como em cenas que demonstram um momento de privacidade e ocultamento, como a passagem de Odisseu e Nausícaa¹⁴ (ANDERSON, 2008, p. 259). Esta poderia ser uma ambiguidade propositalmente construída pelo Eu, mostrando a fragilidade do guerreiro na difícil escolha entre não retroceder ou manter sua vida.

No fragmento de Télefo, a ambiguidade parece estar ainda mais acentuada, especialmente se analisarmos a seção narrativa. Ao apresentar a narrativa como exemplo da *gnóme* inicial, acredita-se inicialmente que o poeta buscará utilizar essa passagem mitológica para defender a não culpabilidade do ato de fugir. No entanto, o poema inverte o foco narrativo para Télefo, em um momento de grande excelência guerreira (SWIFT, 2012, p. 145).

Nesse momento, é interessante fazer um breve aposto para apresentar e pontuar certos aspectos do mito de Télefo. Télefo seria filho de Hércules e Auge. O avô materno de Télefo, Aleu, rei da Arcádia, recebera um oráculo profetizando que seu neto o destronaria. Desse modo, Aleu obriga sua filha a tornar-se sacerdotisa de Atena, pois assim sua virgindade seria assegurada impedindo o nascimento do neto usurpador. Contudo, Auge é certo dia surpreendida por Hércules, que, embriagado, a violenta. Quando a notícia de sua gravidez é recebida pelo rei, Auge e seu filho são exilados, chegando então à Mísia, onde são acolhidos pelo governante local como membros de sua família. Télefo eventualmente assume o trono local, posto que ocupa no momento em que os gregos, ainda buscando o caminho para Troia, desembarcam erroneamente na Mísia, acreditando tratar-se de seus inimigos. Télefo então rechaça sozinho os invasores em uma grande proeza guerreira (aos moldes de seu pai), mas, por intermédio de Dioniso, que o enreda em um ramo de videira, acaba sendo ferido por Aquiles na coxa, uma ferida que se mostra incurável. Por fim, Télefo busca a ajuda de Aquiles, oferecendo em troca a orientação sobre o caminho para Troia, encerrando assim o conflito entre eles.

¹³ *Il.* 22. 676-678; 17. 676-678.

¹⁴ *Od.* 5. 476; 6. 127-129.

No entanto, há uma variante interessante do mito de Télefo que pode aproximar o novo fragmento ao fr. 5W, apresentada no *Heroico* de Filóstrato, datado do séc. II d.C. Nela, Télefo é desarmado por Protesilau e perde seu escudo. O *Heroico* é um diálogo entre um viticultor, que afirma ser descendente de Protesilau (o primeiro guerreiro grego a morrer em Troia), e um fenício. O viticultor afirma receber visitas esporádicas do espírito do herói, que lhe apresenta suas versões sobre as narrativas de eventos do ciclo troiano.

Antes de entrar na sua versão para o mito de Télefo, o viticultor relata que na guerra a primazia é de Aquiles, com a exceção da batalha da Mísia, na qual Protesilau teria tido seu momento de excelência guerreira ao desarmar Télefo, derrubando o seu escudo (13.14). Vários mísios morrem nessa empreitada, sendo o rio Caico descrito como ensanguentado de sangue mísió (23.24), o que oferece um contraponto interessante aos versos 6-7 do fragmento de Télefo, em que o rio se atulha com corpos de guerreiros gregos (DONATO, 2010, p. 259-260). Obbink (2006, p. 7-8) considera que a versão de Filóstrato pode trazer alguma luz ao entendimento do fr. 5 W de Arquíloco; no entanto, em Filóstrato, Télefo não abandona seu escudo, mas é desarmado, o que torna a alusão à fuga menos evidente. Obbink (2006, p. 7-8) coloca também a dificuldade de aceitar que Arquíloco conhecesse alguma versão em que Télefo perdesse seu escudo, uma vez que não há relatos dessa cena antes de Filóstrato.

Contudo, fazendo parte ou não de uma mesma série de poemas, tanto o fragmento de Télefo quanto o fr. 5W retratam conflitos entre povos gregos e não gregos (o saio no fr. 5 e os mísios no fragmento de Télefo), o que poderia ter alguma relação com o contexto de composição do poeta.

O mito de Télefo descreve um embate inútil, que põe em conflito importantes heróis gregos, sem qualquer razão além da incapacidade de os guerreiros gregos chegarem ao seu destino. Esse fato pode relacionar-se ao presente, no sentido de que o conflito em que os tásios estariam envolvidos seria considerado uma causa inútil para Arquíloco. Assim, o poema poderia ter como foco a exposição da inutilidade da guerra contra algum inimigo em particular ou das lutas pela colonização em que os tásios esperavam lutar contra inimigos bárbaros, mas acabaram por enfrentar outros povos gregos (SWIFT, 2014, p. 445-446).

Nesse sentido, Laura Swift (2014, p. 443-444) atenta também para a dupla identificação que a audiência tásia teria com a narrativa desse mito. Por um lado, os tásios consideravam-se um povo helênico, portanto relacionado com os heróis homéricos, e, por outro, traçavam sua ancestralidade com a Arcádia, sendo notório seu culto a Hércules. Desse modo, tanto um lado quanto o outro da narrativa poderiam ser objeto de identificação pela audiência, o que aumenta o sentido de inutilidade do confronto e dá ambiguidade ao poema. A ambivalência poderia ser também expandida na continuação do poema, talvez apresentando uma inversão narrativa ao mostrar Télefo, pela vontade divina de Dioniso, ser ferido por Aquiles (ANDERSON, 2012, p. 31; BARKER & CHRISTENSEN, 2006, p. 33).

Desse modo, o poeta parece trazer ambiguidades e ironias sutis, sem, no entanto, se opor à moralidade presente na poesia épica. A postura de Arquíloco, contudo, mostra-se mais permissiva que a de outros poetas do período arcaico como Calino de Éfeso e Tirteu de Esparta, que mostram uma objeção muito mais clara em relação à fuga. No entanto, essa postura não impediu que Arquíloco recebesse um culto heroico em sua honra em Paros e Tasos (ANDERSON, 2008, p. 255). Esse fato poderia demonstrar um estatuto heroico diferente para o poeta. Assim como na épica temos heróis de dimensões diferentes como Aquiles (caracterizado pela violência, βίη) e Odisseu (pela esperteza, μῆτις), Arquíloco, ou sua *persona* poética, apresentaria uma dimensão própria, diferente daquela de Aquiles, Calino e Tirteu, mas igualmente heroica.

Referências

ANDERSON, Adrian. *Archilochus, Telephus and the Warrior Ethos*. 2012. 94 f. Dissertação (Master of Arts in Classics) – Graduate College of the University of Illinois at Urbana-Champaign, Urbana, 2012, https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/31003/Anderson_Adrian.pdf?sequence=1, 31/10/2017.

ANDERSON, Carl A. Archilochus, his lost shield, and the heroic ideal. *Phoenix*, 62, 3/4: 255-260, 2008.

BARKER, Elton; CHRISTENSEN, Joel. Flight Club: the new Archilochus fragment and its resonance with Homeric Epic. *Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici*, 57: 9-41, Pisa, 2006.

CORRÊA, Paula da Cunha. *Armas e Varões: a guerra na lírica de Arquíloco*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2009.

DONATO, Marco. Lo Scudo di Telefo: P. Oxy 4708 e Archiloco, Fr. 5W. *Rivista di Filologia e di Istruzione Classica*, 138: 3-4, Torino, 2010.

LOBEL, Edgar; PAGE, Denys (eds.). *Poetarum Lesbiorum Fragmenta*. Oxford: Clarendon Press. 1955.

LOURENÇO, Frederico (trad.). Homero. *Iliada*. São Paulo: Companhia das Letras. 2013.

OBBINK, Dirk. A New Archilochus Poem. *ZPE*, 156: 1-9, 2006.

PAGE, Denys (ed.). *Poetae Melici Graeci*. Oxford: Clarendon Press. 1962.

SNELL, Bruno. *The Discovery of the Mind*. New York: Harper, 1960.

SWIFT, Laura. Archilochus the 'Anti-hero'? Heroism, Flight and Values in Homer and the New Archilochus Fragment (P. OXY LXIX 4708). *Journal of Hellenic Studies*, 132: 139-155, 2012.

_____. Telephus on Paros: genealogy and myth in the 'new Archilochus' poem (P. Oxy 4708). *Classical Quarterly*, 64, 2: 433-447, 2014, <http://oro.open.ac.uk/40720/1/telephus%20on%20paros%20final%20version.pdf>, 31/10/2017.

WEST, Martin (ed.). *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum Cantati*. Oxford: Oxford University Press. 2 vols. 1992.

_____. (ed.). *Homeri Ilias. Rhapsodiae I-XII*. Leipzig: Teubner. 1998

_____. (ed.). *Homeri Ilias. Rhapsodiae XIII-XXIV*. Leipzig: Teubner. 2000.

THE TELEPHUS FRAGMENT AND FLIGHT IN ARCHILOCHUS

Thiago Koslowsky da Rosa (UFRGS)

Rafael Brunhara (UFRGS)

ABSTRACT

The new fragment (*Papyrus Oxyrhynchus* LXIX 4708) of Archilochus of Paros first edited by Dirk Obbink (2006), which tells the myth of Telephus, brought new questions about a well-known topic of Archilochus: the flight. Hence, we aim in this article to make a brief analysis of how this fragment can influence the comprehension of this topic in Archilochus, especially, in comparison with the fragment 5 of Martin West's critical edition (1992).

KEYWORDS: Archilochus; Telephus; flight.

